

Sumário

Agradecimentos.....	5
Prefácio.....	13
Introdução.....	17

Parte A

O voluntariado estrangeiro na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Guerra Mundial

Capítulo 1

Os latino-americanos de Franco: a ‘Legião da Falange Argentina’ e outros voluntários de origem hispânica no campo rebelde, durante a Guerra Civil Espanhola	23
Os voluntários europeus no campo rebelde.....	25
A solidariedade fascista na América Latina	29
Os voluntários latino-americanos no campo rebelde	33
Os falangistas da América Latina na guerra de Franco.....	37
A Falange Argentina na Guerra Civil Espanhola	42
Conclusões	48

Capítulo 2

Estrangeiros na Wehrmacht e na Waffen-SS durante a Segunda Guerra Mundial: um ‘modelo nazista’ de voluntariado?.....	51
A Wehrmacht e a presença de estrangeiros.....	53
Os alemães étnicos na Wehrmacht	62
Os estrangeiros na Waffen-SS	65
Um modelo nazista de voluntariado e recrutamento?	68
Conclusões	73

Capítulo 3

Sobre projetos fracassados: Eoin O’Duffy, o fascismo irlandês e as guerras fascistas, 1933-1945.....	77
O fascismo na Irlanda	78
Fascistas e conservadores: a dinâmica irlandesa.....	79
Eoin O’Duffy, o National Corporate Party e as guerras fascistas.....	83

Conclusões	91
Capítulo 4	
A Falange Espanhola, a América Latina e a Guerra Civil Espanhola: os fascismos nacionais, o voluntariado e o apoio à rebelião franquista (1936-1939).....	97
Capítulo 5	
Voluntários mexicanos nas forças franquistas durante a Guerra Civil na Espanha: uma reavaliação	105
A Guerra Civil Espanhola e a América Latina.....	106
As coletividades espanholas e a guerra: dinheiro e homens para a frente de luta.....	109
O caso mexicano.....	114
O voluntariado falangista mexicano em perspectiva comparada	117
Conclusões	120
Capítulo 6	
O voluntariado português na Guerra Civil Espanhola e na Divisão Azul (1936-1944): mitos, mitologias e hipóteses de trabalho.....	123
A Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial: estrangeiros nas forças franquistas e na Divisão Azul	124
Salazar, a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial: portugueses nas forças de Franco e de Hitler	130
Mitos persistentes: A Legião Viriato e a Legião Verde	133
O voluntariado e a radicalização política	134
Conclusões	138
Capítulo 7	
A Bandera de la Falange de Marruecos e a División Azul: tentativas falangistas de influenciar o regime de Franco?	141

Parte B

Estrangeiros e *italiani all'estero* nas Forças Armadas italianas: Etiópia e Segunda Guerra Mundial

Capítulo 8

Paranoias fascistas? O voluntariado a favor da Etiópia durante a guerra de 1935 a 1936.....	153
Instrutores militares	154
Os riscos de uma mobilização antifascista mundial.....	158

Conclusões	165
Capítulo 9	
A ‘Legião Estrangeira’ de Mussolini. Os voluntários estrangeiros na Guerra da Etiópia (1935-1936)	167
O projeto de uma ‘Legião Estrangeira’ fascista	168
Os voluntários para a ‘Legião Estrangeira’ italiana	172
O perfil do voluntário	176
Conclusões	184
Capítulo 10	
Emigrantes nas Forças Armadas italianas: o caso dos voluntários tunisinos na Segunda Guerra Mundial	187
A Tunísia: <i>a case in point</i>	190
Operações e unidades militares	191
Voluntários e recrutas	195
Emigrantes e voluntários	199
Conclusões	203
Capítulo 11	
Os italianos do Brasil e as guerras italianas do século XX (1911-1945).	207
Emigração e política externa	209
Etiópia (1895-1896) e Líbia (1911-1912)	212
Uma guerra nacional: a Primeira Guerra Mundial (1915-1918).....	214
A Segunda Guerra da Etiópia (1935-1936)	219
A intervenção na Espanha (1936-1939).....	222
A Segunda Guerra Mundial	223
Conclusões	224
Capítulo 12	
Estrangeiros nas Forças Armadas italianas durante a Segunda Guerra Mundial: um ‘modelo fascista’ de recrutamento?	229
O Regio Esercito e a presença de estrangeiros	230
Os italianos do exterior e as Forças Armadas italianas entre 1940 e 1943	236
Italianos do exterior e estrangeiros entre as Forças Armadas italianas e a MVSN	240
O caso italiano em contexto	245
Conclusões	248

Capítulo 13

Lealdades em disputa. Soldados de origem italiana nas Forças Armadas dos Aliados na Segunda Guerra Mundial	251
--	-----

Capítulo 14

Voluntários fascistas para a Guerra da Etiópia: os casos da França e da Tunísia (1935-1936).....	259
França e Tunísia na imaginação imperial fascista: esforços e resultados	260
A Legião Parini e os voluntários com origem na França e na Tunísia.....	264

Capítulo 15

Fascistas e falangistas da América Latina nas guerras fascistas: italianos e espanhóis emigrados nas guerras da Etiópia e Civil Espanhola, 1935–1939.....	273
A Legião Parini e o voluntariado falangista	275
Diferentes contextos, diferentes experiências	278
Conclusões	285

Parte C

**Milicianos, policiais e militares nos sistemas
políticos fascista e nazista**

Capítulo 16

Quem guardará os guardiões? A segurança pessoal de Hitler e Mussolini e as relações entre partido e Estado nas ditaduras fascistas.....	291
O caso italiano	293
O caso alemão	296
Casos de controle: Vargas, Franco e Stalin	299
Conclusões	304

Capítulo 17

O poder de polícia e a administração da Justiça: Estado e partido na Alemanha nazista e na Itália fascista	309
O caso alemão	317
Casos de controle: Brasil, Espanha e Japão	323
Conclusões	325

Capítulo 18

A Divisão Blindada ‘M’: um capítulo nas relações entre o Exército e a Milícia no Estado fascista	329
Os batalhões M e a radicalização da crise entre Exército e MVSN .	331
A formação da Divisão M	334
A M em 1943	341
Conclusões	347

Capítulo 19

O monopólio da violência no fascismo italiano. As forças armadas, a MVSN e as relações entre partido e Estado na Itália de Mussolini	349
Estado e partido no bloco de poder fascista: o papel dos militares .	352
Milícias e Exército. Conflitos e alianças no bloco de poder fascista (1922-1941)	355
As guerras fascistas e as disputas entre a MVSN e o Exército	358
Os batalhões M, a Divisão M e a radicalização da crise entre o Exército e a MVSN	363
A Guardia Nazionale Repubblicana e a Waffen-SS italianas	366
O caso alemão	369
Conclusões	372
Considerações finais	377
Referências	381

Prefácio

Estamos acostumados a pensar nos conflitos europeus da década de 1930, e até mesmo na Segunda Guerra Mundial, em termos de adesão e formas de recrutamento vinculadas às Forças Armadas regulares dos Estados Nacionais. Vez ou outra, incluimos nessas histórias as forças ‘irregulares’, pertencentes ou não às nações diretamente em luta, que teriam combatido por diversos motivos, como resistência a invasores, luta ideológica, alternativa ao desemprego, aventura, etc. Desses grupos ‘irregulares’, há uma historiografia consolidada que aborda os grupos à esquerda do espectro ideológico. Por sua vez, os grupos de soldados, milicianos e voluntários das guerras fascistas obtiveram um pouco menos de atenção. São esses grupos, que são analisados neste livro de João Fábio Bertonha. O autor é um grande especialista sobre esses temas, com impressionante produção bibliográfica no país e no exterior. As pesquisas que embasaram os ensaios do livro foram realizadas em arquivos históricos da Espanha, Itália e Irlanda, entre outros países.

São dezenove ensaios em forma de capítulos (artigos, resenhas, textos de discussão e de apresentação de trabalho em conferências) que se relacionam entre si e abordam mais especificamente os recrutados e voluntários de cinco países (Itália, Alemanha, Espanha, Portugal e Irlanda), engajados em milícias fascistas e forças regulares na Guerra da Etiópia, Guerra Civil Espanhola e Segunda Guerra Mundial, entre 1935 e 1945.

Esta obra vem em um momento oportuno. Os oitenta anos do final da Segunda Guerra Mundial, por um lado, e o crescimento atual dos movimentos fascistas e de sua internacionalização, por outro, estimulam o desenvolvimento do debate historiográfico sobre tais temas. Assim, os dois eixos principais que norteiam todo o livro, buscam satisfazer as indagações do passado e do presente: a) conhecer melhor o voluntariado para combate nas guerras fascistas e seus significados políticos; b) analisar as relações entre as Forças Armadas e instituições policiais estatais com a variedade de milícias e formações paramilitares fascistas.

Embora interdependentes, as três partes que dividem o livro estão estruturadas a partir da pesquisa documental e bibliográfica do autor. A primeira parte aborda o voluntariado estrangeiro na Guerra Civil Espanhola e na Segunda Guerra Mundial. A principal questão era: quais as intenções individuais e coletivas dessas centenas de milhares de voluntários que se engajaram nas Forças Armadas regulares e irregulares de nações diferentes das suas? Esta questão dava origem a outras: quais os perfis desse voluntariado? Como se articularam com as Forças Armadas regulares e com as milícias? Qual o seu impacto nos conflitos? Quais foram suas relações com as elites conservadoras das nações destinatárias desse engajamento e com os movimentos fascistas locais? Quais seus significados políticos a médio e longo prazo? A variedade de respostas a tais questões mostra a necessidade de aprofundamento nos arquivos e na historiografia de cada categoria de voluntários, de cada milícia, de cada instituição nacional que os recebeu.

Um exemplo importante desse tema é compreender as intenções e circunstâncias que levaram, por um lado, uma massa de mais de dois milhões de combatentes não nascidos na Alemanha a combater por este país na Segunda Guerra Mundial — aproximadamente 12% de todo efetivo das forças germânicas; por outro, dada a natureza da ideologia de ‘sangue e solo’ que norteava a ideologia nazista, as razões de aceitação de ‘estrangeiros’ e mesmo de ‘não-arianos’ nas fileiras das forças armadas alemãs, incluindo a Waffen-SS. O autor examina detidamente a variedade de casos e circunstâncias, propondo hipóteses e as conferindo, caso a caso, proporcionando respostas bem fundamentadas a cada grupo e situação.

Outros estudos procuram entender as razões e formas pelas quais centenas de latino-americanos atravessaram o oceano para lutar pelas forças de Francisco Franco na Guerra Civil Espanhola. Ou porque grupos de extrema-direita mais fracos de diversos países (Irlanda, Espanha, México, Portugal, etc.) procuraram o envolvimento em aventuras externas para alavancar seus movimentos, que vivenciavam crises internas. A dinâmica entre os movimentos fascistas e os das classes conservadoras determina, de certa maneira, o sucesso ou insucesso daqueles movimentos de extrema-direita. O fracasso de alguns desses movimentos está diretamente relacionado aos limites impostos pelas elites conservadoras e as instituições nacionais, como as forças armadas, Igreja, monarquias, etc. Como ressalta o autor (p. 94-95), ao comentar a evolução frustrada do fascismo irlandês:

[...] o seu fracasso indica, acima de tudo, como o fascismo não surge do nada e como, até hoje, são as elites que, ao final, decidem se ele vai ou não ter chances de chegar ao poder. As experiências recentes no Brasil e no mundo parecem confirmar isso.

No entanto, as limitações dos grupos de voluntários e seus dissabores não podem eliminar a constatação de que os fascismos defendiam valores comuns em momentos e espaços delimitados: pensavam globalmente e agiam localmente. O voluntariado em conflitos como a Guerra Civil Espanhola proporcionou um espaço precioso de socialização ideológica e militar que teria impacto nesses grupos na Segunda Guerra Mundial.

A segunda parte trata do envolvimento de italianos nas Forças Armadas do país, nas guerras da Etiópia e na Segunda Guerra Mundial. Foram centenas de milhares de italianos, de diversas gerações, que receberam os chamados da pátria de origem, para atravessarem fronteiras ou até mesmo oceanos, e combaterem as guerras travadas pelo fascismo. De maneira análoga aos problemas históricos examinados na primeira parte, o autor busca respostas a perguntas como: quais as razões para pegar em armas pela Itália? Qual o perfil dos engajados? Quais os limites do recrutamento com base no *jus sanguinis* (descendentes de italianos/alemães no exterior, sujeitos ao serviço militar pela pátria de origem)? Como o grau de aculturação dos descendentes de italianos nos países hospedeiros contribuiu para determinar o sucesso ou insucesso desse tipo de recrutamento? Houve variação geracional na atração ou repulsa desse voluntariado? Como funcionou tal recrutamento em experiências de ocupação colonial italiana, como no norte da África? Como todas essas variáveis se relacionavam com o engajamento dos recrutados nas Forças Armadas regulares e nos grupos paramilitares fascistas?

As respostas a todas essas perguntas levam a outras, a serem examinadas na terceira e última parte, “Milicianos, policiais e militares nos sistemas políticos fascista e nazista”. Nesta parte, são abordadas as relações sempre tensas entre as Forças Armadas regulares de Estados Nacionais, que têm sua existência fundamentada no monopólio do exercício da violência, e as forças paramilitares vinculadas aos partidos fascistas na Itália e na Alemanha. Além das forças armadas, o autor examina também como os sistemas policiais e judiciários agem e reagem a esses novos agentes de poder político e armado.

Bertonha propõe três modelos de integração entre tais forças. No caso espanhol, os movimentos fascistas tiveram seu espaço gradualmente restringido e não afetaram o poder do exército, da Igreja e das elites conservadoras. Para o quadro italiano, o fascismo, embora tivesse chegado ao poder, não usufruiu o controle da sociedade e da política. Pelo contrário, o partido fascista não alijou do poder instituições como as Forças Armadas, a monarquia e a Igreja, e ficou subordinado ao Estado. No caso alemão, os nazistas ganharam poder e proeminência, conseguindo criar/moldar instituições militares, policiais e judiciárias, com base no partido. Essa relação esteve longe de ser pacífica, pois, uma vez que os movimentos fascistas necessitam da violência para crescerem e sobreviverem, o choque contra os detentores da violência legal é inevitável. Além disso, os membros das forças fascistas não pertenciam originalmente às elites. O resultado desta convivência forçada com os detentores do poder conservador é sempre tenso, chegando ao limite da luta pela sua subordinação ou eliminação. Assim, a participação do voluntariado para os combates, sancionados ou não pelos Estados Nacionais fascistas, serviram, em alguns casos, como instrumento para o crescimento interno dos movimentos de extrema-direita, quando originalmente frágeis ou em crise; em outras situações, em Estados já fascistas ou autoritários, o voluntariado servia para ampliar o poder dentro do estado.

Trata-se, portanto, de uma obra seminal, que multiplica os problemas a serem pesquisados de maneira mais aprofundada e, em todos os capítulos, faz atualizações necessárias do debate historiográfico. É um livro que intensifica o diálogo, sem abdicar do posicionamento claro, tanto político quanto historiográfico. Por tais qualidades, merece ser lido e debatido por todos os que se interessam nas histórias dos conflitos das décadas de 1930 e 1940, bem como dos temas dos fascismos pelo mundo. Boa leitura!

Francisco César Alves Ferraz

Universidade Estadual de Londrina